

A palavra como unidade lexicográfica?

Álvaro Iriarte Sanromán
Universidade do Minho

Nesta comunicação pretendemos demonstrar a adequação de determinadas estruturas sintagmáticas como unidades de análise e descrição lexicográfica.

Reduzir as unidades lexicais e lexicográficas à palavra, ou até a unidades inferiores como o monema, obedece a uma concepção atomística da linguagem (uma palavra, um significado) dominante na semântica e na lexicologia, que entende o significado como estando permanentemente ligado a uma palavra, independentemente dos contextos situacionais e dos co-textos ou estruturas em que ocorrem as palavras, esquecendo, paradoxalmente até dentro do paradigma estruturalista, que o sentido de qualquer lexema inclui tanto as relações sintagmáticas como as paradigmáticas.

Ignorar o facto de que as relações sintagmáticas estabelecidas entre as palavras fazem parte do significado das mesmas conduzirá a análise lexicológica estruturalista a entender um enunciado como uma combinação de elementos discretos (as palavras, os monemas) e, conseqüentemente, a erros com importantes conseqüências lexicográficas como a divisão do significado numa determinada *colocação* em sememas que posteriormente serão atribuídos às palavras individuais.

Independentemente da solução que se possa adoptar num dicionário para recolher as unidades lexicográficas, o problema principal que se coloca na hora de seleccionar tais unidades é o facto de as diversas estruturas sintagmáticas que podemos encontrar numa língua formarem um *continuum* que vai do termo composto às combinações livres de palavras, passando pelas combinações restritas de palavras.

Neste sentido, é ilustrativo constatar que, nas primeiras manifestações lexicográficas peninsulares, o lema não coincide com a unidade palavra. Assim, tanto na obra lexicográfica de Nebrija (1516) como na de Cardoso (1562), ultrapassa-se a palavra como unidade lexicográfica de maneira generalizada e consciente.

Com efeito, tanto no *Dictionarium ex lusitanico latinum sermonem*, de Jerónimo Cardoso (ca. 1562) como no *Vocabulario de romance en latin*, de Antonio de Nebrija (ca. 1494), as entradas nem sempre coincidem com a unidade palavra, registando-se como lemas não só diferentes acepções das mesmas, mas também, e mais importante ainda, diferentes acepções provenientes da combinação do lexema de entrada com outros lexemas («Cantar el tordo o zorzal: trutilo.as.avi.»), nomeadamente para permitir o registo das diferentes acepções ou correspondências latinas:

Calentura por calor. calor.oris.
 Calentura con fiebre. febris.is.
 Calentura fiebre pequena. febricula.e.
 Calentura cuando crece. accessio.onis.
 Calentura cuando afloxa. remissio.onis.
 Calentura rezia. causode.es;
etc.

Cantar el tordo o zorzal. trutilo.as.avi.
 Cantar el estornino. pisito.as.avi.
 Cantar la perdiz. cacabo.as.avi.
 Cantar la tórtola o paloma. grino.is.
 Cantar la paloma torcaz. plausito.as.
etc.
(et passim).

Nebrija (ca. 1494): *Vocabulario de romance en latin*

Cabelo. Capillus, i, crinis, is.
 Cabelo curado. Coma affectata.
 Cabelo louro. Capillus rutilus.
 Cabelo branco. Capillus canus.
 ...
 Cada dia. Quotidie, indies.
 cada dia mais. Indies magis.
 cada hora. In horas.
 cadanno. Quotannis.
 ada somana. Singulis hebdomadibus.
 cada mes. Singulis mensibus.
 cada hum. Singuli, ae, a.
 cada dous. Secundus quisque.
 cada tres. Terrius quisque.

 Costa arriba. Acliuus, i.
 Costa baixo. Decliuus, & e.
 Costa. Ciuus, i.
(et passim).

Cardoso (ca. 1562): *Dictionarium ex lusitanico latinum sermonem*

Nos dois dicionários, para além de se registar, como lema, diferentes acepções do lexema provenientes da combinação com outros lexemas, indica-se também o complemento directo ou o sujeito de alguns verbos, como por exemplo, no *Nebrija*: ^E*cantar el tordo*, ^E*cabestrar bestia*.

Os dois autores diferenciam formalmente nas entradas a forma em função de sujeito da forma em função de complemento. Assim, Nebrija faz acompanhar o sujeito do artigo definido, enquanto apresenta o complemento sem este determinante:

sujeito
 Cantar el tordo o zorzal. trutilo.as.avi.
 Cantar el estornino. pisito.as.avi.
 Cantar la perdiz. cacabo.as.avi.
 Cantar la tórtola o paloma. grino.is.
 Cantar la paloma torcaz. plausito.as.
(et passim)

complemento directo
 Cabestrar bestia. capistro.as.
 Caçar aves. aucupor.aris.
 Caçar fieras o montar. venor.aris
 Capitanear gente. duco exercitum
(et passim).

Do ponto de vista sintagmático é interessante a diferenciação formal que encontramos no *Dicionário* de Cardoso entre o sintagma nominal em função de sujeito e o sintagma nominal em função de complemento: as formas do artigo que acompanham os nomes em função de complemento directo vêm-se afectadas por um fenómeno de fonética sintáctica, produzindo-se a assimilação entre a termina-

ção do infinitivo verbal e a forma do artigo característica dos textos medievais galego-portugueses, assimilação marcada no português escrito até ao século XVIII e ainda presente em alguns falares regionais de Portugal (Vázquez Cuesta & Luz, 1983: 365). Porém, as formas do artigo que acompanham o sujeito não se vêem afectadas por esta assimilação de tipo fonotáctico, mesmo quando este último aparece posposto por uma questão convencional de maior clareza lexicográfica:

sujeito	complemento directo
Casar <u>o</u> homem. Vxorem ducere.	cas <u>ala</u> molher.s.darlhe marido. Elo loco, as, donuptum
casar <u>a</u> molher. Nubo, is, nupsi.	cas <u>alo</u> homem.s.darlhe molher. Vxorem do.
(<i>et passim</i>).	(<i>et passim</i>).

Contra a opinião de Quemada (1967)¹, pensamos, que estamos perante autênticos dicionários bilingues em que os autores não sentem a necessidade de restringer a unidade lexicográfica dentro dos estreitos limites da palavra. O mesmo problema ainda se coloca hoje na lexicografia bilingue quando nos encontramos na língua de chegada com uma palavra cujo equivalente na língua de partida não está lexicalizado em forma de palavra, como por exemplo:

^E compañía de seguros =>	^P seguradora;
^E tienda de comestibles =>	^P mercearia;
^E escalera de mano =>	^P escadote;
^E feliz cumpleaños =>	^P parabéns;
^P caixote do lixo =>	^E papelera;
^P lentes de contacto =>	^E lentillas;
^P máquina de lavar roupa =>	^E lavadora;
^P guia de remessa =>	^E albarán;
etc.	

Acontece que o dicionário não pode ser concebido como um repertório de unidades atómicas (as palavras, os lexemas) passíveis de serem combinadas segundo as regras gramaticais. Tal concepção é a que encontramos na prática gramatical que acompanha a linguística estruturalista. Com efeito, o conceito estreito de *construção* (e de *constituintes*) parece esquecer um princípio fundamental que é comum a todas as correntes estruturalistas: que não existem unidades linguísticas que funcionem como fenómenos isolados, mas numa relação de interdependência dentro de

¹ Pelo facto de que muitas das entradas destes dicionários não são unidades lexicais, mas paráfrases correspondentes a palavras latinas dadas como equivalentes, e também pelo facto de este tipo de dicionários (língua moderna/latim), surgidos no século XVI, serem utilizados como dicionários unilingues, Quemada (1967: 52) considera estes dicionários como sendo semi-bilingues.

um todo chamado estrutura:

«A noção de **construção** (Escola de Praga) postula que as unidades do plano inferior tenham por função “construir” as unidades do plano superior, e que as unidades do plano superior sejam compostas de unidades do plano inferior, podendo assim as unidades do plano inferior ser classificadas de acordo com a sua função nas unidades do plano superior.» (Vilela, 1999: 18).

Dentro do marco da semântica estruturalista, a lexicologia estuda as unidades lexicais dentro dos limites da língua (*langue*), isto é, unidades pertencentes «essencialmente ao plano paradigmático e ao sistema virtual» (Carvalho, 1979: 493). O estudo das relações sintagmáticas, das «entidades pertencentes essencialmente ao plano sintagmático e à fala actual» (*ib.*), ultrapassa os limites do sistema, uma vez que está irremediavelmente associado aos aspectos pragmático-contextuais, ou seja, ao discurso ou à fala (*parole*).

Abandonado pela semântica e pela lexicologia, o estudo das relações sintagmáticas fica relegado para o campo da “técnica” lexicográfica, que indirectamente as recolhe sob a forma de “sentidos” que as palavras adquirem em determinados contextos já produzidos. Os dicionários serão, por conseguinte, dicionários de *parole*, não de *langue*², mostruários de significados de discurso ou significados da fala (Coseriu, 1979: 18-20; 1987: 211-215), repositórios de variantes consolidadas pelo uso ou, em termos lexicográficos, acepções.

Um exemplo, no campo concreto da lexicografia, de que dentro do paradigma estruturalista chega a esquecer-se que o sentido de qualquer lexema inclui tanto as relações sintagmáticas como as paradigmáticas é o conhecido e frequentemente mal interpretado “princípio, ou prova, de substituição”, utilizado em lexicografia para comprovar que o definido é substituível pela definição (lei de sinonímia). Segundo este princípio lexicográfico, para que uma definição seja aceitável do ponto de vista lexicográfico, deverá ser possível substituir o *definiendum* pelo *definiens* sem se alterar o sentido.

² Embora não partilhemos a noção de semântica do professor Ramón Trujillo, uma semântica imanente, limitada exclusivamente às relações que se estabelecem entre os signos (*cf.* o dogmatismo ou “fundamentalismo” das palavras com que Trujillo (1983: 185) desqualifica «más del 90 por 100 de todas las baratijas pseudocientíficas que salen todos los días al mercado con el nombre de “semántica”»), coincidimos com o autor quando escreve:

«Pero el gran problema teórico del diccionario consiste en averiguar qué representa: si el saber lingüístico de una comunidad o sólo el conjunto de usos verificados de cada palabra. Si tiene la pretensión de constituir la formulación explícita de la competencia léxica, está claro que el diccionario que conocemos está muy lejos de haber alcanzado ese fin. En otras palabras: ¿debe el diccionario contener el significado de los signos o sólo ciertos usos de esos significados? Porque existe algo que los lexicógrafos no parecen tener todavía muy claro: una cosa es el significado o los significados, en su caso, de cada palabra, y otra eso que bajo la forma de acepciones o de usos figurados aparece en los diccionarios como los “significados” de las palabras.» (Trujillo, 1994: 73).

Não é difícil imaginar a passagem da exigência de “equivalência de sentido” entre o termo definido e a definição para a “equivalência gramatical”. Assim, segundo esta nova interpretação, este princípio lexicográfico vai exigir que a categoria gramatical do definido coincida necessariamente com a da sua definição, no sentido de que, por exemplo, se a palavra a definir for um substantivo, devemos utilizar na sua definição, outro substantivo ou uma construção substantivada, e não um verbo, por exemplo, de tal maneira que se possa substituir um pelo outro. São muitas as amostras que podíamos fornecer desta interpretação do princípio de substituição. Vejamos, por exemplo, a seguinte, relativamente recente e de um texto de lexicografia teórica:

«Recordemos, por otra parte, que la vinculación arriba apuntada entre categoría gramatical del lema y definición resulta indispensable según el principio de sustitución, que exige que la definición sea susceptible de reemplazar al lema en un contexto dado, lo cual implica que debe respetarse el principio de identidad categorial entre ambas categorías de información lexicográfica.» (Blanco, 1995: 391) (o sublinhado é nosso).

Neste caso não só estamos perante a exigência de equivalência de categoria gramatical, mas também de equivalência sintagmática, e até contextual, como a que encontramos no divertido texto de Teixeira (1996: 230), «Branco é, galinha o põe»:

«Para ver se a coisa funcionava, ou seja, para ver se o dicionário apresenta mesmo as equivalências de sentido das palavras, imaginei alguém a tentar comprar ovos, mas em vez de utilizar esta palavra, ovo, utilizar as respectivas equivalências dicionarizadas.

Se se procurasse o actualíssimo, de 1994, 7ª edição, dicionário da Porto Editora, o pedido teria que ser assim: “*Faz favor: queria meia dúzia de ‘células que resultam da fecundação dos gâmetas’.*»

É evidente que o *definiente* deverá ser sinónimo – ‘que tem a mesma (ou quase igual) significação’ (Porto Editora, s.v. **sinónimo**) – do *definiendum*. O facto de que este pode ser substituído por aquele será uma prova (como o próprio nome do princípio lexicográfico indica) de que ambos são sinónimos, mas não a causa. Como Alonso Ramos (1993: 70-71) indica, o princípio de substituição poderá ser um teste, um instrumento para o linguista, por meio do qual se poderá confirmar a correcção da definição, mas nunca será determinante no sentido de que toda a definição que não superar tal prova deverá ser considerada como incorrecta. Este teste poderá acarretar, como assinala a autora (*idem*, 138) a violação de algumas normas estilísticas ou até gramaticais, não devendo confundir-se «la sustituibilidad con la equivalencia sintagmática»:

«Por supuesto, la sustitución puede llevar consigo la violación de normas estilísticas e incluso gramaticales. No se trata de un simple concatenación de cadenas de pala-

bras. [...] La condición que debe cumplir la sustitución es la preservación absoluta del sentido desde el punto de vista de la equivalencia lógica. La sustituibilidad es un instrumento de trabajo que asegura la equivalencia del sentido del *definiens* y del *definiendum*, no la equivalencia de expresiones lingüísticas: es obvio que un lexema y toda una oración que sirve de definición no tienen las mismas propiedades sintagmáticas.» (Alonso Ramos, 1993: 70-71).

Também para Porto Dapena (Porto, 1988: 133-137) não se deve confundir “equivalência sintáctica” e “equivalência semântica” ou “relação sinonímica”:

«la identidad de contenido no supone identidad de comportamiento sintáctico y, aun en el caso de que se dé esta última, pueden existir restricciones contextuales, de manera que la sustitución sea posible en ciertos contextos, pero no en otros» (Porto, 1988: 137).

O que nos traz, novamente, à questão principal que nos ocupa, a das relações léxico-semânticas sintagmáticas. As possibilidades colocacionais (de combinação lexical) e combinatórias em geral (usos sintáctico-semânticos) assim como os usos pragmáticos das potenciais unidades lexicográficas são três tipos de informação de que não pode prescindir qualquer dicionário que pretenda ser uma ferramenta útil, nomeadamente na direcção de síntese ou codificação linguística, em que é necessária uma quantidade de informação muito maior do que para o simples reconhecimento ou identificação do significado de uma unidade lexical (Bosque, 1982: 118).

Assim, como podemos constatar nos exemplos que a seguir apresentaremos do dicionário bilingue de espanhol/português em cuja redacção estamos a trabalhar, este dicionário não poderá limitar-se a proporcionar apenas uma simples listagem das palavras existentes numa língua e o seu equivalente, também em forma de palavras, na outra. Deverá também informar sobre as capacidades colocacionais das mesmas e, em geral, sobre os contextos (linguísticos e situacionais) de uso das mesmas. Se não for assim, e como de facto se pode concluir após uma consulta aos dicionários bilingues de espanhol/português existentes hoje no mercado, alguém que não conheça suficientemente bem as duas línguas poderá concluir que as diferenças entre uma e outra são apenas de tipo gráfico ou pouco mais.

E não nos estamos a referir exclusivamente a questões puramente idiomáticas, como é o caso de exemplos do tipo:

^E*lirón* = ^P*arganaz*, mas cf.: ^E*Dormir como un lirón*: ^P*Dormir como una pedra*

^E*tapia* = ^P*taipa*, mas cf.: ^E*Sordo como una tapia*: ^P*Surdo como una porta*.

A questão ultrapassa o puramente idiomático para entrar em aspectos não só de tipo morfológico, sintáctico ou semântico, como por exemplo:

- ^Eroto = ^Proto, mas cf.: ^ELos zapatos se habían roto: ^POs sapatos tinham-se rompido;
^Econstipado = ^Pconstipado, mas cf.: ^EUn buen constipado: ^PUma boa constipação;
^Ecansado = ^Pcansado, mas cf.: ^ETrabajo cansado: ^PTrabalho cansativo;
^Epresidir = ^Ppresidir, mas cf.: ^EPresidir una reunión: ^PPresidir a uma reunião;
^Erecurrir = ^Precorrer, mas cf.: ^ERecurrir la decisión: ^PRecorrer da decisão;
^Etierno = ^Pterno, mas cf.: ^ELegumbres tiernas: ^PLegumes tenros;
^Etierno = ^Pterno, mas cf.: ^ECanciones tiernas: ^PCanções ternas;
^Eestar = ^Pestar, mas cf.: ^EEstar prohibido: ^PSer proibido;
^Eser = ^Pser, mas cf.: ^ESer inocente: ^PEstar inocente;
^Eestar = ^Pestar, mas cf.: ^EEstar obligado a: ^PSer obrigado a;
^EEstar bien equipado: ^PSer bem equipado;
^Earrancar = ^Parrancar, mas cf.: ^EEl motor no arranca: ^PO motor não pega;
^Earrojadizo = ^Parrojadizo, mas cf.: ^EArma arrojadiza: ^PArma de arremesso;
^Eaislante = ^Pisolante, mas cf.: ^ECinta aislante: ^PFita isoladora;
^Ede = ^Pde, mas cf.: ^ECaza de brujas: ^PCaça às bruxas;
^Ede = ^Pde, mas cf.: ^EEstar de más: ^PEstar a mais;
^Eadormecido = ^Padormecido, mas cf.: ^EPie adormecido: ^PPé dormente;
^Equitar = ^Ptirar, mas cf.: ^EQuitarse las gafas: ^PTirar os óculos;
^Erecurrir = ^Precorrer, mas cf.: ^ERecurrir la decisión: ^PRecorrer da decisão;
^Emusculoso = ^Pmusculoso, mas cf.: ^EBrazos musculosos: ^PBraços musculados;

como também em aspectos de tipo puramente lexical que as regras da gramática não conseguem descrever:

- ^Eazucarero = ^Paçucareiro, mas cf.: ^ERemolacha azucarera: ^PBeterraba sacarina;
^Een = ^Pa, mas cf.: ^ETelevisión en color: ^PTelevisão a cores;
^Eentero = ^Pinteiro, mas cf.: ^ELeche entera: ^PLeite gordo;
^Eforzoso = ^Pforçoso, mas cf.: ^EAterrizaje forzoso: ^PAterragem forçada;
^Ehacer = ^Pfazer, mas cf.: ^EHacer una fotocopia: ^PTirar uma fotocópia;
^Ehacer = ^Pfazer, mas cf.: ^EHacer una sugerencia: ^PDar uma sugestão;
^Ehacer = ^Pfazer, mas cf.: ^EHoy hace frío: ^PHoje está frio;
^Eir = ^Pir, mas cf.: ^EIrse la luz: ^PFalhar a luz;
^Elatido = ^Platido, mas cf.: ^ELatidos del corazón: ^PBatidas do coração.
^Eleve = ^Pleve, mas cf.: ^EHeridos leves: ^PFeridos ligeiros;
^Ellevar = ^Plevar, mas cf.: ^ELlevarse bien: ^PDar-se bem;
^Emontar = ^Pmontar, mas cf.: ^EMontar la nata: ^PBater as natas;
^Eprovecho = ^Pproveito, mas cf.: ^EBuen provecho: ^PBom apetite;
^Erellenar = ^Preencher, mas cf.: ^ERellenar un impreso: ^PPreencher um impresso;
^Esacar = ^Psacar, mas cf.: ^ESacar una conclusión: ^PTirar uma conclusão;
^Eseguir = ^Pseguir, mas cf.: ^ESeguir una película en inglés: ^PAcompanhar um filme em inglês;
^Etener = ^Pter, mas cf.: ^ETener sentido: ^PFazer sentido;
^Everde = ^Pverde, mas cf.: ^EChiste verde: ^PPiada picante (porca);

O dicionário deverá informar, portanto, sobre o funcionamento dos equivalentes em contextos (linguísticos e situacionais) reais, sem que a categoria morfo-sintáctica de uma unidade lexical da língua de partida tenha de coincidir necessariamente com a categoria da unidade lexical equivalente na língua de chegada, uma vez que o mesmo conceito poderá ser intensionalizado, verbalizado, nas duas línguas de forma diferente (através de palavras, frases, sintagmas, etc.), ora lexicalmente, ora gramaticalmente. Desta forma, um lexema na língua de partida poderá ter como equivalente na língua de chegada uma combinação de lexemas, e vice-versa.

Esta questão tão evidente de que os equivalentes num dicionário bilingue não têm que coincidir quanto à categoria gramatical é esquecida muito frequentemente ao constranger a unidade lexicográfica dentro dos limites da palavra. Repare-se em alguns dos exemplos anteriores:

- ^E*caer* = ^P*cair*, mas cf.: ^E*Caerse*: ^P*Dar uma queda*;
^E*quitar* = ^P*tirar*, mas cf.: ^E*Quitarse las gafas*: ^P*Tirar os óculos*;
^E*recurrir* = ^P*recorrer*, mas cf.: ^E*Recurrir la decisión*: ^P*Recorrer da decisão*;
^E*presidir* = ^P*presidir*, mas cf.: ^E*Presidir la reunión*: ^P*Presidir à reunião*.

Será novamente a má interpretação do chamado princípio lexicográfico de substituição de que falámos que leva ainda muitos autores de dicionários bilingues a afirmar a conveniência de que os equivalentes pertençam à mesma categoria gramatical que o lema, contrariamente ao que se pode constatar na prática da tradução³:

- ^E*Trasnochar así acaba conmigo*: ^P*Estas noitadas dão cabo de mim*;
^E*La fruta está llena de magulladuras*: ^P*A fruta está toda pisada*;
^E*Lleno* (adjectivo): ^P*Ateste* (verbo) [o depósito, numa bomba de gasolina].

Este é um dos maiores problemas com que se enfrenta o lexicógrafo se optar por construir exemplos *ad hoc*: o facto de ficar excessivamente preso à estrutura da frase na língua de partida, construindo equivalentes errados, pouco usados ou pragmaticamente inaceitáveis, como, por exemplo:

- ^E*La fruta está llena de magulladuras*: ^{P*}*A fruta está cheia de pisaduras*, ou
^E*Lleno* (adjectivo): ^{P*}*Cheio* (verbo) [o depósito, numa bomba de gasolina].

³ Assim, por exemplo, Blanco (1995) afirma:

«Dicho principio [de substituição] debe contemplarse igualmente en el caso de los diccionarios bilingües, que, por defecto, deben ofrecer equivalentes de traducción pertenecientes a la misma categoría gramatical que el lema.» (Blanco, 1995: 391).

Repare-se por exemplo nos casos da palavra espanhola ^E*ladrillazo*, cujo equivalente em português poderia ser ^P*tijolada*, mas que raramente funcionará num contexto real (^E*casi llevo un ladrillazo*: ^P**quase levo uma tijolada*), ou o adjetivo ^E*lácteo*, cujo equivalente português será também ^P*lácteo*, salvo nas colocações ^P*#Productos lácteos*, ^P**Indústrias lácteas*, em que não se usa:

ladrillazo *s.m.* Tijolada, golpe de tijolo. • **Llevar un l-**: Apanhar com um tijolo; *Al pasar por debajo de los andamios, casi llevo un ladrillazo*: Ao passar por debaixo dos andaimes, quase apanho com um tijolo.

lácteo, a *adj.* Lácteo (relativo ao leite ou a qualquer produto da indústria do leite); *Una dieta láctea*: Uma dieta láctea. *vd. lechero*. 2. Lácteo (que tem cor ou aparência de leite); *Aspecto lácteo*: Aspecto lácteo; *vd. lechoso*. • **Productos -s**: Lacticínios. **Industrias lácteas**: Indústrias de lacticínios.

Em conclusão, as relações sintagmáticas que se estabelecem entre os elementos que conformam as unidades lexicográficas assim concebidas situam estas estruturas a meio caminho entre a lexicalização e a gramaticalização, por um lado, e entre a *langue* e a *parole*, por outro. Assim, ao ultrapassar os limites da palavra como unidade lexicográfica depararemos com novos problemas, nomeadamente no que se refere à questão do estabelecimento dos limites superiores das mesmas – *cf.*, por exemplo, «*maillot de bain féminin d'une seule pièce dégageant les côtes, le bas du dos et les hanches*», modèle actuel sans nom» (Rey-Debove, 1973: 92): Que combinações lexicais devem ser incluídas como unidades lexicográficas? Como devem ser lematizadas tais combinações lexicais? O que devemos entender por *locuções*⁴?, etc.

Contudo, não temos dúvidas quanto ao benefício que esta maneira de encarar as estruturas pluriverbais como objecto de análise e como categorias lexicográficas pode trazer para o estudo e a descrição do léxico de uma língua (tanto do ponto de vista lexicográfico como lexicológico), porque supõe «un avance en la concreción de temas largamente intuitidos pero poco meditados» (Aguilar-Amat, 1993: 219), ultrapassando tanto os métodos pré-científicos e as categorizações impressionistas tradicionalmente utilizadas na lexicografia como também categorizações da gramática tradicional ou da linguística estruturalista que pouca ou nenhuma utilidade têm na análise e descrição lexicográficas de uma língua.

⁴ Para utilizar um dos muitos termos usados para referir-se a vários tipos de unidades pluriverbiais, pois tanto na prática lexicográfica como na bibliografia teórica sobre o assunto, há uma grande confusão na hora de classificar este tipo de fenómenos assim como uma multiplicidade terminológica que acentua ainda mais o problema. O que é que distingue entre si termos como *frasema*, *colocação*, *solidariedade lexical*, *modismo*, *locução*, *frase feita*, *expressão idiomática*, *idiomatismo*, *expressão fixa*, *lexia complexa*, *unidade fraseológica*, *fraseologismo*, *sintagma*, *construção fossilizada*? (*vd.* Vilela, 1995: 99, nota 6).

Referências bibliográficas:

- AGUILAR-AMAT CASTILLO, A. de
(1993): *Las colocaciones de nombre y adjetivo. Un paso hacia una teoría léxico-semántica de la traducción* (tese de doutoramento) [microfichas]. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions.
- ALONSO RAMOS, M.
(1993): *Las Funciones Léxicas en el modelo lexicográfico de I. Mel'chuk* (tese de doutoramento). Madrid: UNED.
- BLANCO ESCODA, X.
(1995): *El ejemplo en el diccionario bilingüe. Tipología y funciones del ejemplo en el marco de la lexicografía bilingüe general contemporánea Francés-Español Español-Francés* (tese de doutoramento) [microfichas]. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions.
- BOSQUE, I.
(1982): «Sobre la teoría de la definición lexicográfica», em *Verba*, 9 (1982), 105-123.
- CARDOSO, J. [Hieronymi Cardosi]
(1565): *Dictionarium ex lusitanico latinum sermonem*. Joannus Alvari Typographi []. [1562?].
- CARVALHO, J. Herculano de
(1979): *Teoria da Linguagem. Natureza do Fenómeno Linguístico e a Análise das Línguas*. Vols. 1 e 2. Coimbra: Atlântida.
- COSERIU, E.
(1979): «A perspectivação funcional do léxico», em Vilela (ed.) (1979: 15-33).
(1987): *Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid: Gredos. [1978].
- HERNÁNDEZ, H. (ed.)
(1994): *Aspectos de lexicografía contemporánea*. Barcelona: Bibliograf / Universidad de Murcia.
- NEBRIJA, A. de
(1516): *Vocabulario de romance en latin*. Sevilla. [ca. 1494, Salamanca?]
- PORTO DAPENA, J. A.
(1988): «Notas lexicográficas: La información sintáctica en los diccionarios comunes», em *Lingüística Española Actual*, X, 1 (1980), 133-154.
- QUEMADA, B.
(1967): *Les dictionnaires du français moderne, 1539-1863. Étude sur leur histoire, leurs types et leurs méthodes*. Paris: Didier.
- TEIXEIRA, J.
(1996): «Branco é, galinha o põe», em Faria & Correia (eds.) (1996), 229-235.
- TRUJILLO, R.
(1994): «El diccionario frente a la semántica», em Hernández (ed.) (1994), 73-93.
- VÁZQUEZ CUESTA, P. & LUZ, M. A. MENDES DA
(1983): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- VILELA, M.
(1995): *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário Gramática*. Coimbra: Almedina.
(1999): *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- VILELA, M. (ed.)
(1979): *Problemas de lexicologia e lexicografia*. Porto: Livraria Civilização Editora.